

Motor de Carnot e os Limites Termodinâmicos da Eficiência

Alice Reis, João Guilherme, Lucas Jalles, Luíza Lee, Marcela Messala e Sophia Mayumi

CAP-UFRJ

Outubro 2025

Resumo

No presente arquivo, buscamos apresentar e explicar o funcionamento do motor de Carnot. Tal ciclo termodinâmico foi teorizado por Sadi Carnot com o intuito de estabelecer a máxima eficiência dos motores térmicos operando entre dois reservatórios de temperatura, um de alta temperatura (T_a), e outro de baixa (T_b). Discutiremos as quatro etapas e derivaremos a equação fundamental da eficiência $\eta = 1 - T_b/T_a$ para então explicar a impossibilidade teórica de realmente alcançar 100% de eficiência. Além disso, analisaremos as contradições às leis da termodinâmicas do motor.

I. INTRODUÇÃO

Sadi Carnot (1796-1832) foi um importante cientista francês, filho de um dos generais de Napoleão Bonaparte. Em sua obra de 1824, *Réflexions sur la puissance motrice du feu et sur les machines propres à développer cette puissance* (Reflexões sobre a Potência Motriz do Fogo e Máquinas Próprias para Aumentar essa Potência), o físico discute a importância dos motores a vapor e apresenta seu motor reversível, cuja eficiência dependia apenas das temperaturas de fontes quentes e frias.

O modelo de Carnot foi importante, e é até hoje, pois foi ele o utilizado para fazer as máquinas do século XIX na Revolução Industrial. Além disso, até hoje ele é o modelo mais usado para fabricação de motores no geral.

O modelo de Carnot foi importante para a construções de máquinas na revolução industrial. Até hoje ele é um modelo de conceito básico para a construção de uma máquina. A partir dele, foi possível mostrar que era impossível criar uma máquina com 100% de eficiência, por não se adequar a primeira lei da termodinâmica e não seguir o funcionamento básico das trocas de calor.

II. O MOTOR DE CARNOT

Carnot foi pioneiro na pesquisa de um modelo de motor 100% eficiente. Ele seria constituído por um cilindro cujo único orifício separando o meio interno do externo ficaria na parte inferior. Dentro, haveria um fluido ideal (fluido ideal ou perfeito; de viscosidade nula) e um pistão que comprimiria o fluido, exercendo nele pressão. O funcionamento seria baseado em um estômago de unicórnio, onde o mundo é perfeito: Não

seria possível entrar ou sair calor em qualquer outro lugar dessa máquina, desprezando suas trocas de calor (seja por condução, convecção ou irradiação) e o atrito do sistema.

No modelo, existiria uma força externa empurrando o pistão, uma barra de alta temperatura e outra de baixa temperatura. Ambas as temperaturas não deveriam variar ao longo do experimento, mesmo sob calor. Tendo que ser suficientemente grandes para tal.

A. AS QUATRO ETAPAS DO CICLO DE CARNOT

No primeiro momento, se colocaria a barra quente no orifício que permite trocas de calor, ao mesmo tempo que se retiraria alguma pressão sob o pistão. O gás se expandiria, mas não esfriaria, visto que a barra quente transferiria Q_1 para o gás, mantendo sua temperatura. O processo seguirá o de uma expansão isotérmica, ou seja, sem variação na temperatura.

Em seguida, se tiraria mais pressão e, também, a barra quente. O gás continuaria a se expandir, mas agora, sem a barra quente, esfriaria. Com a variação, então, de temperatura, mas não de calor, o processo é nomeado de expansão adiabática.

Quando atingisse a mesma temperatura da barra fria, essa seria colocada na entrada de calor, e a força externa no pistão seria aumentada, comprimindo o gás. Ao ser comprimido, se esperaria aumento na temperatura, mas tal não se segue, pois o calor Q_2 vai para a barra fria. Novamente, sem variação de temperatura, o terceiro processo é chamado de compressão isotérmica.

O quarto e último processo é a compressão adiabática. Similarmente ao segundo processo, a fonte de calor (que agora age como um ralo de calor) é retirada, mas inversamente a ele, adicionamos pressão para que haja, na verdade, compressão (note que a pressão total após essa última adição será igual à inicial). Sem o ralo de calor, o gás, comprimindo, esquentará até a temperatura inicial.

No fim de todos os estágios, o sistema e todos os seus parâmetros voltam ao estado que se encontravam anteriormente ao processo um. Dizemos então que o experimento é um ciclo com todos os seus estágios sendo reversíveis. O Ciclo de Carnot é constituído por essas duas expansões iniciais e então duas compressões, alternando entre processos isotérmicos e adiabáticos. Durante os processos isotérmicos, há transferência de calor Q_1 e Q_2 para dentro e fora do fluido respectivamente.

A diferença entre os valores Q_1 e Q_2 é o coração da eficiência do motor. Usando da proporcionalidade, podemos dizer que a diferença entre a temperatura máxima e mínima é similarmente conectada à eficiência. E essa relação pode ser descrita por uma equação que nos ajudará a entender o porquê do motor ser impossível de ser reciado.

B. DERIVAÇÃO DA EQUAÇÃO DE EFICIÊNCIA

Para chegar no cálculo da eficiência, precisamos antes entender o que essa significa e como calculá-la. Para isso, pense em lucro, A diferença entre a arrecadação e o prejuízo. Similarmente, a eficiência representará quanto de energia útil (arrecadação), nesse caso, trabalho, o motor produzirá ao consumir energia que damos ao sistema, nesse caso, Q_1 (prejuízo).

Calculamos então a razão entre os dois para obter o resultado como uma porcentagem. Claro que, diferentemente do caso do lucro, não poderemos arrecadar mais energia do que investimos. Não se é possível criar energia. Portanto, podemos apenas tentar se aproximar o máximo possível do 100%. Sendo essa a premissa do motor de Carnot.

Tendo isso em mente, descreveremos a eficiência como:

$$\text{Eficiência} = \frac{W_{\text{total}}}{Q_1} \quad (1)$$

Calcularemos então, o trabalho feito em cada estágio. Para os processos isotérmicos podemos estabelecer:

$$W_{\text{isot.}} = \int_{V_i}^{V_f} P dV \quad (2)$$

E considerando a lei dos gases ideais:

$$PV = nRT, \quad P = \frac{nRT}{V} \quad (3)$$

Substituímos:

$$W_{\text{isot.}} = \int_{V_i}^{V_f} \frac{nRT}{V} dV \quad (4)$$

Tirando as constantes da integração, resta apenas integrar dV/V :

$$W_{\text{isot.}} = nRT \ln \left(\frac{V_f}{V_i} \right) \quad (5)$$

É possível concluir então, que para o processo de expansão isotérmica teremos:

$$W_{1 \rightarrow 2} = nRT_a \ln \left(\frac{V_2}{V_1} \right) = Q_{1 \rightarrow 2} \quad (6)$$

Onde, da primeira lei da termodinâmica, podemos dizer que $W = Q$, já que não há diferença na temperatura (e portanto, $\Delta U = 0$). Para o processo de compressão isotérmica obteremos, similarmente:

$$W_{3 \rightarrow 4} = nRT_b \ln \left(\frac{V_4}{V_3} \right) = Q_{3 \rightarrow 4} \quad (7)$$

Partiremos então para um melhor entendimento da relação entre calor e trabalho para os processos adiabáticos. Para isso, recuperaremos a definição de capacidade térmica molar à volume constante:

$$C_v = \frac{1}{n} \left(\frac{\partial Q}{\partial T} \right)_V \quad (8)$$

Se o volume é constante, podemos inferir que $W = 0$ e, portanto, podemos igualar dU e dQ . Isolando dU , integramos de ambos os lados para obter:

$$dU = dQ_v = nC_v dT, \quad (9)$$

$$\int_{U_i}^{U_f} dU = \int_{T_i}^{T_f} nC_v dT \rightarrow \Delta U = nC_v \Delta T \quad (10)$$

Embora pareça contraintuitivo, podemos usar essa relação mesmo para gases em expansão e compressão, contanto que sejam ideais. Isso se dá pois, para esses gases, a energia interna é uma função da temperatura apenas. Sendo possível desprezar a diferença de volume.

Considerando $Q = 0$ para os processos adiabáticos, teremos que $|W| = |\Delta U|$. E como acabamos de demonstrar esse valor, basta substituir em:

$$W_{2 \rightarrow 3} = -nC_v(T_b - T_a) = -\Delta U_{2 \rightarrow 3}, \quad (11)$$

$$W_{4 \rightarrow 1} = -nC_v(T_a - T_b) = -\Delta U_{4 \rightarrow 1} \quad (12)$$

Note que na equação (11) o trabalho está sendo feito pelo gás, representando direta e exclusivamente a diminuição de sua energia interna. Mas então, W não deveria ser positivo? Ele é! Perceba que $(T_b - T_a) < 0$ e, portanto, o termo inteiro é positivo!

Note também que o trabalho e variação de energia interna para os dois processos adiabáticos são um o inverso do outro. Essa relação será importante na hora de calcular a eficiência, já que, por isso, não precisaremos representá-los.

Agora que definimos os parâmetros mais importantes das quatro etapas, voltaremos à equação (1), e substituiremos o W_{total} pela soma do trabalho feito pelo gás ao longo dos processos isotérmicos (lembrando que os processos adiabáticos se anulam), e representaremos Q_1 por seu valor dado na equação (6):

$$\text{Eficiência} = \frac{nRT_a \ln\left(\frac{V_2}{V_1}\right) + nRT_b \ln\left(\frac{V_4}{V_3}\right)}{nRT_a \ln\left(\frac{V_2}{V_1}\right)} \quad (13)$$

Considerando que os processos $2 \rightarrow 3$ e $4 \rightarrow 1$ foram de expansão adiabática, podemos escrever:

$$T_2 V_2^{\gamma-1} = T_3 V_3^{\gamma-1}, \text{ e} \quad (14)$$

$$T_4 V_4^{\gamma-1} = T_1 V_1^{\gamma-1}, \text{ onde} \quad (15)$$

$$\gamma = \frac{C_p}{C_v} \quad (16)$$

A fim de simplificar C_p , consideremos agora uma transformação isobárica. Então, Da primeira lei da termodinâmica, e da definição de trabalho, podemos escrever:

$$Q_p = \Delta U_p + W_p = \Delta U_p + P\Delta V \quad (17)$$

Onde conhecemos sobre as relações dos gases ideais, e por motivos já discutidos, que:

$$PV = nRT, \quad (18)$$

$$\Delta U_p = \Delta U_v = nC_v \Delta T \quad (19)$$

Substituindo a equação (19) e equação (18) na equação (17), obtemos:

$$Q_p = nC_v \Delta T + nR \Delta T = n(C_v + R) \Delta T \quad (20)$$

E sabemos que $Q_p = nC_p \Delta T$ (por derivação similar à que fizemos para C_v), portanto, podemos afirmar que $C_p = C_v + R$.

Finalmente, com esse resultado, podemos escrever, da equação (14), da equação (15) e equação (16):

$$\left(\frac{T_2}{T_3}\right)^{C_v/R} = \frac{V_3}{V_2} \quad (21)$$

$$\left(\frac{T_1}{T_4}\right)^{C_v/R} = \frac{V_4}{V_1} \quad (22)$$

A partir da natureza do Ciclo, adicionamos que $T_1 = T_2 = T_a$ e $T_3 = T_4 = T_b$. Igualando então as equações e substituindo os termos, concluímos que:

$$\frac{V_3}{V_4} = \frac{V_2}{V_1} \quad (23)$$

Substituindo a equação (23) na equação (13) obtemos:

$$\text{Eficiência} = \frac{nRT_a \ln\left(\frac{V_2}{V_1}\right) + nRT_b \ln\left(\frac{V_2}{V_1}\right)}{nRT_a \ln\left(\frac{V_2}{V_1}\right)} \quad (24)$$

Cancelando os termos semelhantes, chegamos a:

$$\text{Eficiência} = \frac{T_a - T_b}{T_a} \quad (25)$$

Ou ainda:

$$\eta = 1 - \frac{T_b}{T_a} \quad (26)$$

A partir da equação (26), observamos então que a eficiência só será 1 (100%), se $T_b/T_a = 0$. Ou seja, se $T_b = 0$ ou $T_a = \infty$. Ou seja, se a temperatura do reservatório mais frio for zero absoluto ou a temperatura do reservatório mais quente for infinita.

III. DIAGRAMA P-V

Nessa seção, derivaremos as leis de formação das funções $P(V)$ a partir da lei dos gases ideais. Apresentaremos um plot feito em python de um ciclo termodinâmico que segue a mesma ordem de processos do ciclo de carnot, mas sem a eficiência perfeita. Já que reservatórios de temperatura infinita ou zero absoluto não seriam representáveis na figura.

Usaremos então da geometria e do cálculo para calcular a área embaixo das curvas, podendo-se assim, alternativamente chegar-se à uma representação algébrica do trabalho realizado no sistema.

Vale ressaltar que para todos os processos utilizaremos o numero de mols $n = 1$, importaremos a constante R do scipy, usaremos volumes iniciais arbitrários $V_1 = 1L$ e $V_2 = 2L$ e temperatura dos reservatórios $T_b = 300^\circ K \approx 25^\circ C$ e $T_a = 600^\circ K \approx 325^\circ C$.

Para γ , usaremos $5/3$, que é o equivalente a usar $C_v = 3/2 R$, a capacidade térmica molar a volume constante para gases monoatômicos.

A. LEIS DE FORMAÇÃO

A Lei dos gases ideais já foi extensivamente referenciada nesse documento, mas pelo bem da compreensão, revisitemos-na:

$$PV = nRT \quad (27)$$

Diferentemente dos processos adiabáticos, é bem simples retirar uma lei de formação dessa equação para os processos isotérmicos. Considerando que nesses processos, a temperatura deve permanecer constante, o lado direito inteiro pode ser considerado uma constante.

Dividindo V dos dois lados, obtemos a primeira lei de formação:

$$P_{iso}(V) = \frac{nRT}{V} \quad (28)$$

Para a segunda função, teremos de relembrar uma propriedade das transformações adiabáticas de gases ideais que é a de que $TV^{\gamma-1}$ deve ser constante. Se isolarmos T na equação (27) da lei dos gases ideais, e substituímos esse valor na propriedade mencionada, obtemos:

$$PV = nRT \rightarrow T = \frac{PV}{nR}, \quad (29)$$

$$TV^{\gamma-1} = \frac{PV}{nR} V^{\gamma-1} = \frac{PV^\gamma}{nR} \quad (30)$$

Portanto, podemos dizer que $PV^{\gamma-1}$ também é uma constante, e, por isso:

$$PV^\gamma = P_0 V_0^\gamma \rightarrow P(V) = P_0 \left(\frac{V_0}{V} \right)^\gamma \quad (31)$$

Da mesma propriedade, definimos os volumes V_3 e V_4 , que serão essenciais para o plot:

$$T_b V_3^{\gamma-1} = T_a V_2^{\gamma-1} \rightarrow V_3 = V_2 \left(\frac{T_a}{T_b} \right)^{\frac{1}{\gamma-1}}, \quad (32)$$

$$T_b V_4^{\gamma-1} = T_a V_1^{\gamma-1} \rightarrow V_4 = V_1 \left(\frac{T_a}{T_b} \right)^{\frac{1}{\gamma-1}} \quad (33)$$

B. PLOT DO DIAGRAMA

Com as duas leis de formação generalizadas para os processos isotérmicos e adiabáticos, podemos plotar cada curva:

$$P_{1 \rightarrow 2} = \frac{nRT_a}{V_{1 \rightarrow 2}} \quad (34)$$

$$P_{2 \rightarrow 3} = P_2 \left(\frac{V_2}{V_{2 \rightarrow 3}} \right)^\gamma \quad (35)$$

$$P_{3 \rightarrow 4} = \frac{nRT_b}{V_{3 \rightarrow 4}} \quad (36)$$

$$P_{4 \rightarrow 1} = P_4 \left(\frac{V_4}{V_{4 \rightarrow 1}} \right)^\gamma \quad (37)$$

Onde, dada a definição de trabalho na equação (2), perceba que a integral dessas funções nos dará o trabalho realizado em cada processo. E repare que, nos processos de compressão, $V_3 > V_4$ e $V_4 > V_1$, logo, $dV < 0$ e $W < 0$. Nesses casos, o trabalho está sendo feito no gás.

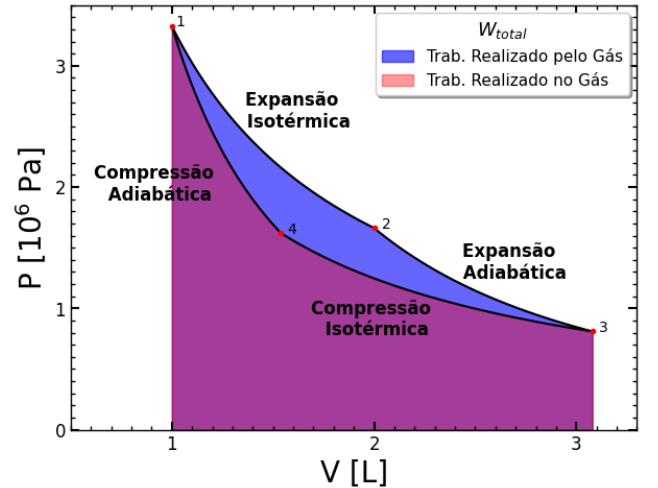


Figura 1: Diagrama P-V do ciclo de Carnot. Note que a área em roxo representa tanto o trabalho realizado pelo, quanto o trabalhado realizado no gás. Não é difícil perceber que o gás realiza mais trabalho do que se é realizado nele. Mas, para entender realmente, não só essa diferença, como, novamente, entender a eficiência do sistema, calculemos a área da figura fechada.

C. DERIVANDO A EFICIÊNCIA A PARTIR DO DIAGRAMA

Calcularemos o trabalho total realizado no sistema somando as integrais das funções $P(V)$ para cada um dos processos do ciclo. No fim, dividiremos o resultado pelo calor absorvido que, como já discutido, sabemos que é igual ao trabalho realizado durante a expansão isotérmica.

$$W_{total} = \left(\int_{V_1}^{V_2} \frac{nRT_a}{V} dV + \int_{V_2}^{V_3} P_2 \left(\frac{V_2}{V} \right)^\gamma dV \right) + \left(\int_{V_3}^{V_4} \frac{nRT_b}{V} dV + \int_{V_4}^{V_1} P_4 \left(\frac{V_4}{V} \right)^\gamma dV \right) \quad (38)$$

Onde $V_3 > V_4$ e $V_4 > V_1$. Logo, podemos substituir as duas últimas integrais pelos seus inversos com os limites trocados. Além disso, podemos tirar as constantes da integração e ficar com:

$$W_{total} = nRT_a \int_{V_1}^{V_2} \frac{1}{V} dV + P_2 V_2^\gamma \int_{V_2}^{V_3} V^{-\gamma} dV - nRT_b \int_{V_4}^{V_3} \frac{1}{V} dV - P_4 V_4^\gamma \int_{V_1}^{V_4} V^{-\gamma} dV \quad (39)$$

Para melhor compreensão, separemos os dois processos. Para os processos isotérmicos, teremos:

$$W_{iso.} = nRT_a \ln \left(\frac{V_2}{V_1} \right) - nRT_b \ln \left(\frac{V_3}{V_4} \right) \quad (40)$$

E para os processos adiabáticos:

$$W_{adi.} = P_2 V_2^\gamma \int_{V_2}^{V_3} \frac{V^{1-\gamma}}{1-\gamma} dV - P_4 V_4^\gamma \int_{V_1}^{V_4} \frac{V^{1-\gamma}}{1-\gamma} dV \quad (41)$$

$$W_{adi.} = \frac{P_2 V_2^\gamma}{1-\gamma} \int_{V_2}^{V_3} V^{1-\gamma} dV - \frac{P_4 V_4^\gamma}{1-\gamma} \int_{V_1}^{V_4} V^{1-\gamma} dV, \quad (42)$$

$$W_{adi.} = \frac{P_2 V_2^\gamma}{1-\gamma} \left[V_3^{1-\gamma} - V_2^{1-\gamma} \right] - \frac{P_4 V_4^\gamma}{1-\gamma} \left[V_4^{1-\gamma} - V_1^{1-\gamma} \right] \quad (43)$$

Botemos então $V_2^{1-\gamma}$ e $V_4^{1-\gamma}$ em evidência:

$$W_{adi.} = \frac{P_2 V_2^\gamma}{1-\gamma} V_2^{1-\gamma} \left[\left(\frac{V_3}{V_2} \right)^{1-\gamma} - 1 \right] - \frac{P_4 V_4^\gamma}{1-\gamma} V_4^{1-\gamma} \left[1 - \left(\frac{V_1}{V_4} \right)^{1-\gamma} \right] \quad (44)$$

Simplificando e multiplicando em cima e embaixo

por -1:

$$W_{adi.} = \frac{P_2 V_2}{\gamma - 1} \left[1 - \left(\frac{V_3}{V_2} \right)^{1-\gamma} \right] - \frac{P_4 V_4}{\gamma - 1} \left[\left(\frac{V_1}{V_4} \right)^{1-\gamma} - 1 \right] \quad (45)$$

Realizando a multiplicação distributiva:

$$W_{adi.} = \frac{P_2 V_2 - P_2 V_2 \left(\frac{V_3}{V_2} \right)^\gamma \left(\frac{V_2}{V_3} \right)^\gamma}{\gamma - 1} - \frac{P_4 V_4 \left(\frac{V_1}{V_4} \right)^\gamma \left(\frac{V_4}{V_1} \right)^\gamma - P_4 V_4}{\gamma - 1} \quad (46)$$

Onde sabemos que $PV^\gamma = \text{constante}$ e, portanto, $P_2 V_2^\gamma = P_3 V_3^\gamma$ e $P_4 V_4^\gamma = P_1 V_1^\gamma$. Isolando P_3 e P_1 , ficamos com:

$$P_3 = P_2 \left(\frac{V_2}{V_3} \right)^\gamma, \quad P_1 = P_4 \left(\frac{V_4}{V_1} \right)^\gamma \quad (47)$$

Substituindo na equação (46):

$$W_{adi.} = \frac{P_2 V_2 - P_3 V_3}{\gamma - 1} - \frac{P_1 V_1 - P_4 V_4}{\gamma - 1} \quad (48)$$

E finalmente, a partir da equação (27), da lei dos gases ideais:

$$W_{adi.} = \frac{nRT_2 - nRT_3}{\gamma - 1} - \frac{nRT_1 - nRT_4}{\gamma - 1} \quad (49)$$

Substituímos R por seu valor $R = C_v(\gamma - 1)$ e substituímos as temperaturas pelos seus respectivos valores dada a etapa do ciclo. ($T_1 = T_2 = T_a$) e ($T_3 = T_4 = T_b$)

$$W_{adi.} = \frac{nC_v(\gamma - 1)(T_a - T_b)}{\gamma - 1} - \frac{nC_v(\gamma - 1)(T_a - T_b)}{\gamma - 1} \quad (50)$$

Simplificando,

$$W_{adi.} = nC_v(T_a - T_b) - nC_v(T_a - T_b) = 0 \quad (51)$$

Sabendo agora que a soma do trabalho feito nos processos adiabáticos é zero, voltemos a soma dos processos isotérmicos.

$$W_{total} = W_{iso.} = nRT_a \ln \left(\frac{V_2}{V_1} \right) - nRT_b \ln \left(\frac{V_3}{V_4} \right) \quad (52)$$

Como demonstramos no pdf, $V_2/V_1 = V_3/V_4$. Então:

$$W_{total} = nRT_a \ln \left(\frac{V_2}{V_1} \right) - nRT_b \ln \left(\frac{V_2}{V_1} \right) \quad (53)$$

Para encontrar a eficiência, dividimos esse trabalho total pelo calor absorvido pelo motor. E sabemos que esse calor é igual ao trabalho realizado pela expansão isotérmica, pois como não há variação de temperatura, também não haverá variação de energia interna. Da primeira lei da termodinâmica, podemos afirmar então que todo o calor absorvido é convertido em trabalho, e vice-versa!

$$\frac{W_{total}}{Q_{absorvido}} = \frac{nRT_a \ln \left(\frac{V_2}{V_1} \right) - nRT_b \ln \left(\frac{V_2}{V_1} \right)}{nRT_a \ln \left(\frac{V_2}{V_1} \right)} \quad (54)$$

Simplificando o termo semelhante $nR \ln(V_2/V_1)$:

$$\text{Eficiência} = \frac{T_a - T_b}{T_a} = 1 - \frac{T_b}{T_a} \quad (55)$$

IV. PORQUE UM MOTOR NÃO PODE TER 100% DE EFICIÊNCIA

Um motor nunca pode chegar a 100% de eficiência pois para isso seria necessário contraditar 2 leis da termodinâmica.

- A: O universo tende ao caos e à entropia, ou seja, a energia sempre quer se dispersar. E quando ela se dispersa não pode mais ser usada para gerar trabalho.
- B: Energia tem que vir de algum lugar e deve ir a algum lugar, ou seja, não é possível criar energia do nada ou mantê-la no mesmo sistema para sempre.

Para que um motor tivesse 100% de eficiência, seria necessário que a fonte de calor tivesse um valor infinitamente alto ou que a fonte fria tivesse o valor igual a 0 (e um lugar infinitamente grande para o gás expandir). Isso pode ser observado na equação (26).

Se $T_b = 0$, então $0/\text{qualquer coisa} = 0$ e $1 - 0 = 100\%$. Se $T_a = \infty$, qualquer coisa/ ∞ tende a 0 e, portanto, Eficiência = 100%.

Não existe uma fonte de calor infinita, pois seria necessário algo que vai contra a lei de que a energia tem que vir de algum lugar, já que não há energia infinita no

universo.

E não existe uma forma de atingir 0 graus Kelvin até onde nós sabemos. Nós conseguimos chegar bem próximo em um sistema fechado, mas quanto mais próximo mais difícil. Também é impossível criar um recipiente infinitamente longo para que o gás se expanda até 0 Kelvin.

Terceiramente: As condições para chegar a 100% de eficiência também ignoram muitas leis do nosso mundo. Como por exemplo a troca de calor entre o gás e o recipiente, o atrito entre as moléculas ou irradiação através do recipiente, e o uso de um gás ideal. Portanto, um motor 100% eficiente no mundo em que vivemos não passa de um sonho.

V. COMO SERIA UM MOTOR 100% EFICIENTE?

Um motor 100% eficiente precisaria de um sistema que não interage com o mundo fora dele em nenhuma forma.

Além disso, precisaríamos escolher um entre dois caminhos:

- A: Fonte de calor infinita: Se tivermos algo que gera calor infinito, a quantidade de calor que escapa do sistema seria irrelevante pois ele é infinito e sua eficiência seria de 100%.
- B: Fonte de frio capaz de fazer o sistema chegar a 0 Kelvin (precisamos também de um recipiente infinitamente grande): Se formos capazes de chegar a 0 Kelvin, não perderíamos energia para realizar nenhuma parte do ciclo, pois a pressão comprimiria o gás sozinha. Portanto, Eficiência = 100%.

Em uma realidade distante da nossa, onde um desses caminhos é possível, viável, e verdadeiramente proveitoso, o sistema solucionaria muitos problemas enormes de nossas vidas. Vivemos em uma era onde energia elétrica é uma necessidade básica e é demandada cada vez mais. Um motor 100% eficiente nos permitiria gerar muito mais energia pra suprir nossa demanda, aumentar a acessibilidade e reduzir o custo da mesma.

Não só isso, ele diminuiria o aquecimento global em muito já que queimaríamos menos combustíveis fosseis, em carros, por exemplo. Esses, inclusive, não superaqueceriam, pois não há calor vazando, mantendo a temperatura do ciclo constante.

VI. CONCLUSÕES

Por fim, entendemos que o ciclo de Carnot nos mostra o porque é impossível construir uma maquina com 100% de eficiencia. Um modelo pensado à base de uma ideia, ignorando conceitos basicos da fisica, mas que, com isso, nos exemplifica a razao dessa impossibilidade.

Com esse modelo, é possível avaliar o desempenho de máquinas e compreender outros ciclos termodinâmicos, além de incentivar a pesquisa na área.

REFERÊNCIAS

- [1] Nave, C.R. *Carnot Cycle Concepts*. Georgia State University
- [2] Nascimento, C.K., Braga, J.P., & Fabris, J.D. (2004). *Reflexões sobre a contribuição de Carnot à primeira lei da termodinâmica*. SciELO Brasil.
- [3] Hall, N. (2021). *Ideal Carnot Cycle*. NASA Glenn Research Center.
- [4] Hall, N. (2021). *Specific Heats*. NASA Glenn Research Center.
- [5] Hall, N. (2021). *Specific Heat Capacity*. NASA Glenn Research Center.
- [6] LibreTexts. *Carnot Cycle*.